Miti | Inteligência - Consórcio resiste à queda na venda de automóveis

Tomoyose, da Honda Serviços Financeiros, que espera crescer 25%: consórcio de autos foi pouco explorado até agora

O consumo mais fraco tende a não reduzir as vendas de consórcios de veículos com a mesma intensidade que derrubou os financiamentos. Administradoras de consórcios esperam que o volume de vendas fique estável em 2016, o que seria um resultado positivo dado o momento de profunda desaceleração do crédito na economia.

A menor propensão a consumir tem impacto negativo sobre os dois produtos, mas executivos do mercado de consórcios defendem que essa é uma modalidade que costuma ser mais resistente, já que se baseia no consumo futuro e é usada como um instrumento de planejamento financeiro.

No ano passado, os consórcios tiveram resultados melhores que os dos financiamentos. As vendas de consórcios de veículos leves cresceram 11,1% em número de cotas e 10,1% em volume financeiro de créditos comercializados, de acordo com dados compilados pela Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac). O crescimento ficou praticamente empatado com a inflação no período, de 10,7%. A expectativa da Abac para este ano também seja de estabilidade nas vendas.

Já as carteiras de financiamento de veículos novos caíram 13,3% em 2015 e o total de recursos liberados recuou 17,3%, segundo números agregados pela Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (Anef). Para 2016, a associação projeta queda de 5,1% no saldo de financiamentos de veículos e motocicletas e recuo de 5,4% no volume de recursos liberados.

"Com o consumidor mais preocupado com as finanças pessoais, ele está substituindo o imediatismo por um planejamento mais responsável", disse Paulo Roberto Rossi, presidente da Abac. Em 2015, os consórcios como um todo foram responsáveis por 26,9% dos créditos concedidos na economia, de acordo com dados da Abac. No ano anterior, essa parcela era menor, de 21,9%. Os dados levam em consideração todas as modalidades, como imóveis e serviços além de veículos.

A Honda aposta na expansão das vendas de consórcios para veículos e estima crescer 25% este ano. A montadora tem tradição no mercado de motocicletas, em que é responsável por 80% dos consórcios vendidos, e agora está investindo nesse tipo de operação na comercialização de carros.

"O consórcio de automóveis nunca foi muito explorado na Honda porque nunca houve necessidade. A concessionária nunca achou que precisaria do consórcio para entregar", afirmou Ricardo Tomoyose, presidente da Honda Serviços Financeiros. A empresa entrou no mercado de consórcio para automóveis há dois anos, mas foi no ano passado que esse segmento ganhou força, crescendo 73%. Ainda assim, a fatia da montadora é pequena no mercado de consórcios, de cerca de 1%. Mas o objetivo da Honda é alcançar a participação que tem no mercado total de automóveis leves, que gira em torno de 7%.

Segundo Tomoyose, hoje a taxa dos financiamentos de automóveis do Banco Honda gira em torno de 1,2% ao mês com entrada acima de 30% do valor do bem, pelo prazo máximo de dois anos. No consórcio, paga-se uma taxa de administração de cerca de 12% a 15% do valor do carro por todo o período, que pode se estender a 80 meses.

Ruth Wiering, gestora da área de consórcios da Volkswagen, afirma que a venda de cotas de consórcio costuma oscilar menos que os financiamentos em resposta à atividade econômica. "Temos vendido ao redor de 10 mil cotas por mês e acreditamos que vamos manter esse patamar neste ano", afirma. A Volkswagen tem cerca de 10% do mercado de consórcio de automóveis.

A crise econômica, contudo, tem sido sentida do lado da inadimplência, embora o cenário não seja alarmante na visão dos executivos do setor. Tomoyose afirma que a inadimplência acima de sete dias na carteira de consórcios da Honda subiu cerca de dois pontos percentuais de junho do ano passado para o início deste ano e hoje é de aproximadamente 7% nas vendas de motocicletas e menos de 1% nos automóveis. "As consequências de quem perdeu emprego vão perdurar por algum tempo, por isso a inadimplência não deve cair", afirma. A sua percepção é que essa alta não tende a ser descontrolada.

Na Volkswagen, a taxa de inadimplência subiu e está em torno de 6%. "Percebemos um movimento de piora no caso dos consórcios, mas não aumentou demais", afirma Rutch.

De acordo com a Abac, a inadimplência do mercado total de consórcios subiu de 4,8% em meados do ano passado para cerca de 5,6% no fim de 2015. "São números absolutamente controlados", diz Rossi.

CLIQUE AQUI PARA LER ESTA NOTÍCIA DIRETO DA FONTE